



**MIDAS**

Museus e estudos interdisciplinares

**2 | 2013**

**Varia**

---

## Marilena Alivizatou - *Intangible heritage and the museum: new perspectives on cultural preservation*

Ana Carvalho

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/midas/317>

DOI: 10.4000/midas.317

ISSN: 2182-9543

### Editora:

Alice Semedo, Paulo Simões Rodrigues, Pedro Casaleiro, Raquel Henriques da Silva, Ana Carvalho

### Refêrencia eletrónica

Ana Carvalho, « Marilena Alivizatou - *Intangible heritage and the museum: new perspectives on cultural preservation* », *MIDAS* [Online], 2 | 2013, posto online no dia 04 abril 2013, consultado no dia 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/midas/317> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/midas.317>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 setembro 2020.



Midas is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 International License

---

# Marilena Alivizatou - *Intangible heritage and the museum: new perspectives on cultural preservation*

Ana Carvalho

---

## REFERÊNCIA

Alivizatou, Marilena. 2012. *Intangible heritage and the museum: new perspectives on cultural preservation*. Walnut Creek: Institute of Archeology. Vol. 8, *Critical cultural heritage series*. 225 páginas. ISBN: 978-1-61132-151-7.

- 1 Falar de Património Cultural Imaterial (PCI) é hoje uma tendência internacional como resultado da elaboração da *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial* da UNESCO (2003). No contexto dos museus, a literatura científica que problematiza este novo enfoque é visivelmente crescente, seja em Portugal (ver, por ex: Costa 2009; Carvalho 2011; Sancho Querol 2012; Pinto *no prelo*, entre outros), seja no contexto internacional, como comprova esta recente publicação. A autora, Marilena Alivizatou, é uma investigadora de origem grega do *Institute of Archaeology – University College London*. Em grande medida, o livro é o resultado da investigação que a autora começou a desenvolver a partir de 2003 até ao presente, sendo parte deste trabalho referente à sua tese de doutoramento (cf. Alivizatou 2009). Pode dizer-se que este livro é uma síntese desse percurso de investigação.
- 2 O que a autora se propôs a fazer foi uma análise crítica do PCI em contexto museológico tanto do ponto de vista conceptual como do ponto de vista das práticas. Para o efeito, Alivizatou fez um estudo comparativo de cinco museus em distintos contextos culturais, sociais e políticos, que partilham entre si coleções etnográficas e as exigências de uma museologia contemporânea tendencialmente mais participativa. Subjacente a esta escolha, reside um dos argumentos da autora: “With decolonisation, the museum as a colonial construct is gradually reinvented to serve local audiences,

often inviting new ways for defining the institution, its functions, and its responsibilities” (p. 21). Nesta amostra estão incluídos: o *National Museum of New Zealand Te Papa Tongarewa* (Wellington, Nova Zelândia), um museu cujas coleções recuam ao séc. XIX, mas que é criado nos anos noventa (abertura em 1998); o *Vanuatu Cultural Centre* (Port Vila, Vanuatu), que na origem era um pequeno museu colonial (1956) com coleções etnográficas e de história natural, e que é atualmente um centro cultural indígena; o *National Museum of the American Indian* (Washington e Nova York, EUA), que abriu em 2004, mas cuja história remonta às primeiras décadas do séc. XX; o *Horniman Museum* (Londres), fundado no séc. XIX e renovado em 2002 (coleções etnográficas, espécimes de história natural, etc.); e finalmente, o polémico *Musée du Quai Branly* (Paris), que surgiu em 2006, reunindo as coleções etnográficas do *Musée de l'Homme* (cuja reabertura tem vindo a ser adiada, estando atualmente prevista para 2015) e as coleções do *Musée National des Arts d'Afrique et de l'Océanie*, que encerrou para vir a dar lugar no mesmo espaço à *Cité Nationale de l'Histoire de l'Immigration* (2007). Como refere a autora, estes museus foram assumidos como “zonas de contacto”, termo cunhado por James Clifford, e do qual a autora se apropria (e que é hoje repetidamente apropriado na teoria museológica). Ainda que a autora omita o racional que determinou a escolha destes museus, esta é uma seleção interessante e diversa pela opção de eleger museus situados em diferentes tradições culturais, refletindo, com efeito, a ideia de que coexistem diferentes noções sobre património no mundo (e nem sempre convergentes com a definição de património da UNESCO) e, por sua vez, museologias alternativas à museologia *mainstream* ocidental.

- 3 Note-se, todavia, que analisar a relação de museus com as “source communities” (comunidades de onde são originárias as coleções, ou os seus descendentes, incluindo também as comunidades locais e as comunidades imigrantes, de acordo com Peers e Brown 2003, 2) sob o espectro do pós-colonialismo tem contornos específicos quer se trate de museus na Europa ou de museus inseridos em contextos extraeuropeus, atendendo a que a distância/proximidade das comunidades com as coleções levanta diferentes problemáticas.
- 4 O livro está organizado em oito capítulos. Para além de um primeiro capítulo que enquadra o tema, os objetivos, os métodos e a estrutura do livro, o segundo capítulo contextualiza a noção de património, atravessando o séc. XIX, o séc. XX até ao presente. Neste contexto, a autora reflete sobre as políticas do património no contexto internacional, tecendo uma resumida historiografia deste percurso e problematizando o trabalho desenvolvido pela UNESCO, em particular em matérias que dizem respeito ao PCI (da *Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e do Folclore* de 1989, ao projeto das obras-primas: 1997-2005, até à Convenção de 2003). Alivizatou enquadra a nova narrativa sobre património que emerge da Convenção de 2003, nomeadamente alguns aspetos centrais (e também problemáticos), tais como a ideia de um património vivo, a ideia de um património ameaçado (*sob os efeitos da globalização?*), a participação das comunidades, e finalmente a questão da autenticidade. Para além disso, a autora vai mais longe na crítica quanto à instrumentalização do PCI, dando enfoque à ideia de que a patrimonialização determina inevitavelmente uma relação diferente das comunidades com as suas tradições, evocando neste sentido o argumento de Kirshenblatt-Gimblett, ou seja, de que o PCI é uma “produção metacultural”. Alivizatou sublinha ainda a utilização do PCI como ferramenta política também em termos de reconhecimento de grupos minoritários, bem como o efeito de exclusão que pode ter o discurso oficial nacional, isto é, ao não valorizar aquele (s) património (s) que porventura não se

encaixa no perfil estabelecido pela UNESCO e, não obstante, o risco da burocratização do PCI com repercussões na alienação dos detentores/praticantes desse património.

- 5 Alivizatou, apesar das críticas expressas relativamente ao discurso oficial, é favorável a uma abordagem ao PCI alternativa, mais flexível, ainda que mais complexa. Isto é, em contrapartida à perspectiva da UNESCO, que vê a globalização como uma ameaça e recorrendo à tese sobre a “destruição criativa”, Alivizatou propõe: “(...) the creative potential of destruction and transformation emerges as a possible alternative framework for negotiating ideas of identity and contemporary engagements with the past” (p. 47).
- 6 O tom do texto é crítico, expondo quase sempre o outro lado da questão relativamente ao *ethos* preservacionista da UNESCO, sublinhando, as debilidades, as contradições e a complexidade do tema e reconhecendo que as repercussões de um património proclamado à escala universal nem sempre têm efeitos positivos sobre este. Aliás, este argumento é também válido para o “património mundial” de natureza material. Desta forma, Alivizatou parece posicionar-se numa linha de estudos que problematiza a construção e a manipulação do património na dualidade global/local, ou seja uma perspectiva crítica sobre o fenómeno do património: a “heritagization” (ver, por ex: <http://respatrimoni.wordpress.com/about/>).
- 7 Os capítulos seguintes (3 a 7) correspondem a uma análise de cada um dos museus deste universo na seguinte ordem: *National Museum of New Zealand Te Papa Tongarewa*, *Vanuatu Cultural Centre*, *National Museum of the American Indian*, *Horniman Museum* e *Musée du Quai Branly*. Trata-se de uma relação de capítulos bem articulada, sendo que em cada um dos estudos de caso se procurou estabelecer um enquadramento histórico e institucional alargado, para analisar em seguida o tipo de narrativa expositiva, e, por sua vez refletir sobre as estratégias desenvolvidas relativamente à negociação do PCI nas atividades museológicas: coleções, exposições e outros programas públicos, tendo subjacente a ideia da participação das comunidades como elemento-chave nesta análise.
- 8 O último capítulo – *Rethinking Cultural Preservation, Museum Curation, and Communities*, é uma breve síntese final, no qual a autora revela um posicionamento mais assertivo sobre as conclusões que resultam do estudo realizado. Um dos aspetos fundamentais que este estudo demonstra é que apesar do entusiasmo que trouxe a Convenção de 2003 pela preservação do PCI, é necessário ter presente uma reflexão constante sobre a preservação do património na contemporaneidade no que se refere à noção de perda/desaparecimento, bem como uma posição crítica quanto ao discurso que se refugia no argumento dos efeitos niveladores da cultura como consequência direta da globalização. Neste contexto, a autora mostra-se contrária à ideia de preservação como forma de proteger uma autenticidade cultural ameaçada. Ou seja, de que existe uma essência pura associada ao património (incluindo objetos, lugares e práticas) herdado do passado, que deve ser preservada de forma intacta para o futuro (p. 189). Tal como revelou a análise dos estudos de caso, o PCI em contexto museológico representa não apenas um legado de conhecimentos e práticas do passado, mas também um património que é vivido, recriado e moldado ao presente, sem a aura de perda de autenticidade ou até de “congelamento” no tempo (p. 190) (ao contrário de muitas críticas que apenas atribuem aos museus a capacidade de fixar as tradições). Assim, Alivizatou rejeita a tese de que o processo de globalização e de “cross-cultural hybridisation” tenha um efeito destrutivo sobre o património, para privilegiar a ideia de que são esses processos que permitem, por sua vez, que o património se ajuste a diferentes contextos sociais e

culturais, proporcionando, por sua vez, a fertilização e a inovação. Para além disso, a autora justifica que este ativismo dos museus na articulação com o presente, ainda que sem obliterar o passado, personifica a ideia do museu como organização viva, que atende não só a uma identidade em estreita relação com as coleções, mas também em função ao meio no qual se insere (ex. as comunidades) e do contexto social envolvente (p. 192), o que, de certo modo, está em linha com as tendências da museologia contemporânea (e que têm já alguma tradição se atendermos, por exemplo, ao conceito de “museu integral” que emerge da conferência de Santiago do Chile de 1972, e de um lastro deixado pela *nova museologia* nos últimos 40 anos).

- 9 Quanto à intervenção dos Estados relativamente ao desenvolvimento de estratégias formais com vista à transmissão das tradições, Alivizatou posiciona-se mais favorável a um maior e mais ativo envolvimento com os detentores do património e de iniciativas que abordem o património como um processo a longo prazo em vez de iniciativas exclusivamente assentes na documentação do PCI (p. 190). Como explica a autora, não se trata de defender a ausência de uma política de preservação, mas sim a apologia de estratégias contínuas de base criativa que tenham em conta, em primeira instância, as necessidades que emergem do local e das comunidades, em detrimento de estratégias de cima para baixo (*top down*) com base em critérios demasiado rígidos (p. 190). Este argumento faz, em grande medida, eco do pensamento de Hugues de Varine, cuja reflexão sobre património (material e imaterial) tem privilegiado esta abordagem. Varine, que tem trabalhado à margem da investigação universitária, uma vez que é um homem do terreno, com mais de trinta anos de trabalho de campo sobre património e desenvolvimento local<sup>1</sup> tem-se mostrado quase sempre cético relativamente a soluções de política cultural de carácter generalista do tipo *top down* (Varine 2012, 32) e tem argumentado a importância de envolver as comunidades nas estratégias de valorização do património, tendo em conta as especificidades e idiosincrasias de um território e das comunidades, sendo um defensor acérrimo de estratégias que se situam no eixo de ação da museologia participativa.
- 10 À semelhança de vários autores, Alivizatou reconhece a participação como uma das tendências mais significativas da museologia contemporânea (ainda que a sua operacionalização e implicações na praxis museológica exija uma contínua reflexão e avaliação: quem participa, quem fala por quem?). Neste sentido, a “museologia participativa” é entendida pela autora como a plataforma necessária para repensar o museu e o seu papel na sociedade, sublinhando a importância da multivocalidade, da partilha e do diálogo como vetores fundamentais do trabalho em museus e, em particular para o PCI (p. 190).
- 11 Sob o ângulo da participação, a autora enfatiza as possibilidades de trabalho com as coleções (articulação entre material e material) e a nível das exposições, referindo-se ao potencial das novas tecnologias, sublinhando a descentralidade do objeto, ou seja, a passagem da “cultura do objeto” (museologia *mainstream*) para aquilo que aqui designamos de “cultura da narrativa”, ou seja, a centralidade das ideias e das histórias das comunidades (p. 191-192). A autora destaca ainda o papel da *performance*, assumido como um elemento significativo da apresentação do PCI em contexto museológico, seja através de concertos, festivais e celebrações anuais. Neste contexto, a autora defende a ideia de museu como “zona de contacto” ou “teatro interativo” (citando Ruth Philips), afirmando:

- 12 “In this sense the idea of museum (...) acquires further meanings that go beyond notions of conflict and negotiation and address issues of survival and cultural change. (...) intangible heritage emerges as an impermanent act of dynamically engaging with the past in the present and making traditional culture relevant to the contemporary global context. In this process, it is practitioners and community members who define authenticity, rather than experts based on top-down criteria” (p. 191).
- 13 Por tudo o que foi referido este é um livro de referência para todos os que se interessam pela problematização do património no mundo dos museus.
- 

## BIBLIOGRAFIA

Alivizatou, Marilena. 2009. *Preservation, erasure and representation: rethinking 'intangible heritage' in a comparative museum ethnography*. Doctoral thesis, Institute of Archaeology, University College London (UCL), London.

Carvalho, Ana. 2011. *Os museus e o património cultural imaterial: estratégias para o desenvolvimento de boas práticas*. Vol. 28, Biblioteca - Estudos & Colóquios. Lisboa: Edições Colibri e Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora.

Costa, Paulo Ferreira da, ed. 2009. *Museus e património imaterial: agentes, fronteiras, identidades*. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação, Softlimits.

Peers, Laura, e Alison Brown, eds. 2003. *Museums and source communities: a routledge reader*. London e New York: Routledge.

Pinto, Celina Bárbaro. (no prelo). *Museu, comunidade e património cultural imaterial: um estudo de caso - o Museu da Terra de Miranda*. MIDAS - Museus e Estudos Interdisciplinares (2).

Sancho Querol, Lorena. 2012. *El patrimonio cultural inmaterial y la sociomuseología: estudio sobre inventarios*. Tese de doutoramento, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

Varine, Hugues de. 2012. *As raízes do futuro: o património a serviço do desenvolvimento local*. Tradução de Maria de Lourdes Parreira Horta. Porto Alegre: Medianiz.

## NOTAS

1. Embora a autora mencione Georges Henri Rivière e Hugues de Varine na introdução para referir o papel dos ecomuseus e da *nova museologia*, não há *inputs* destes museólogos no âmbito da museologia participativa, que Alivizatou defende como plataforma para a negociação do PCI.

---

## AUTORES

### **ANA CARVALHO**

Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS), Universidade de Évora,  
Portugal, [ana.alexandra.carvalho@gmail.com](mailto:ana.alexandra.carvalho@gmail.com)